

15ª aula

Mito indígena e folclore sertanejo

Página inicial	Sumário dos mitos
--------------------------------	-----------------------------------

Em 1978, quando descia o rio Curuçá, afluente do Javari, após uma etapa de pesquisa de campo entre os marubos, pedi ao regatão, dono do barco em que eu viajava desde o posto indígena, que me contasse algumas histórias relativas ao percurso que fazíamos. Minha intenção era recolher informações que contribuíssem para reconstituir o passado da exploração desses rios que ficaram fora do itinerário dos antigos naturalistas e missionários que nos deixaram crônicas sobre a Amazônia. Não demorou muito para perceber que o regatão estava atendendo a meu pedido narrando-me contos de fadas de origem europeia.

Civilizados que mantêm contatos frequentes com os índios, como no caso desse regatão, são conhecedores de um bom número de contos, não somente de fadas, mas também do folclore regional, alguns dos quais acabam sendo incorporados ao acervo das narrativas indígenas. Essa incorporação não é passiva, pois os índios introduzem modificações nesses contos.

Apesar de registrá-los, nem sempre os etnólogos analisam esses contos modificados pelos índios. Alguns chegam mesmo a pô-los de lado, como aconteceu com os organizadores de uma coleção de narrativas indígenas que não publicaram, do lote que lhes remeti, as referentes a Adão e Eva e um conto de guerra que incluía um fazendeiro, a quem os craôs ajudaram no combate a um outro grupo indígena.

João e Maria

O conhecido conto de João e Maria parece estar bastante difundido entre os indígenas e vou me deter aqui em três versões publicadas: uma craô, outra guajajara e ainda uma outra mundurucu.

A versão craô. Uma das poucas análises de narrativas ocidentais modificadas pelos indígenas é o artigo “O velho cego” de Luís Roberto Cardoso de Oliveira (*Série Antropologia* 112, Brasília: UnB, 1991) e republicado nas pp. 71-93 do *Anuário Antropológico/99* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002). Refere-se ao conto de João e Maria, publicado por Vilma Chiara nas pp. 352-6 de seu “Folclore Krahó” (*Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. 13, 1961/2, pp. 333-75), uma reunião de narrativas e informações colhidas por ela de um craô que estava em visita a São Paulo. O resumo do conto é o seguinte.

A esposa de um índio morreu, deixando três filhos, dos quais um menino e uma menina foram dados a um outro casal para criar. Como a mãe adotiva estava com preguiça, o pai adotivo levou-os para tirar mel, mas na verdade para abandoná-los. Deixou-os esperando num ponto da mata e, quando eles o chamavam, era a cumbuca que ele havia deixado num outro ponto que respondia. Até que as crianças deram com o logro.

Elas caminharam até chegarem à casa de um velho cego, que não tinha nenhuma criação doméstica, porém muito amendoim plantado, e espantava os passarinhos com uma vara. O menino desviava-se da vara do velho e apanhava amendoim, levando-o para a irmã. Quando a menina resolveu ela mesma apanhar amendoim, a vara pegou no braço dela e o velho descobriu as crianças.

O velho trancou-as num quarto e lhes dava alimento. Dois meses depois examinou-lhes os dedos por um buraco da parede. Quatro meses depois foi fazer o mesmo e o menino mostrou os rabos, mais grossos, de duas lagartixas que matara, saindo pelo telhado. Tempos depois, o menino mostrou os rabos de dois calangos, que também matara. O velho achou que já estavam bem grandes e soltou-os, mandando que rachassem lenha e enchessem um tacho com água.

Papam (Deus) apareceu e explicou às crianças que o velho as estava enganando e recomendou que, quando o velho mandasse que elas dançassem em volta do fogo, que elas pedissem para ele ensinar primeiro. E assim foi feito. Quando o velho dançou, as crianças o empurraram para dentro do tacho que estava no fogo, com água fervendo. Ele segurou-se nas bordas do tacho, mas o menino deu-lhe umas pancadas nos dedos e ele caiu na água. O tacho continuou no fogo até a água secar e o velho virar cinza.

Deus mandou que as crianças fizessem dois bolos iguais com a cinza e jogassem o restante em cima da casa. Da cinza (de cima da casa?) saiu um galo cantando com muitas galinhas e pintinhos. Depois, (dos bolos de cinza?) saíram dois cachorros grandes e bonitos, um macho e outro fêmea.

A menina pôs pregos nas orelhas dos cachorros para eles não escutarem. O menino matou dois jacus que estavam numa árvore e, como ficassem presos lá cima, subiu para buscá-los. Um bicho feio veio comê-lo e mandou que ele descesse. Ele não quis e o bicho abocanhou um grande pedaço do tronco. O menino gritou tanto que os cachorros, apesar dos pregos nas orelhas, acabaram escutando. A cadela brigou com o bicho até cansá-lo. Depois chegou o cachorro e o matou.

O irmão ficou muito zangado com a irmã. Cozinharam os jacus, comeram e dormiram. Resolveram procurar um lugar melhor para morar. Levaram frito de frango como merenda e os pintos para criar.

Pararam numa tapera. O rapaz foi caçar, achou jacus e a cena do bicho feio morto com a ajuda dos cachorros se repete. Junto à tapera havia um buraco muito fundo no qual o rapaz desceu, por um cipó, para buscar água. Passam dois rapazes, acham a moça bonita, convencem-na a acompanhá-los, e ela vai embora, deixando o irmão no fundo do buraco, pois os rapazes cortaram o cipó.

Ele ficou lá, sofrendo de um frio intenso.

Muitos dias depois, passaram uns homens por ali, escutaram os cachorros e procuraram pelo dono. Achando-o no fundo do buraco, retiram-no e foram embora. Os cachorros, alegres, lamberam-no inteirinho, até que ele abriu os olhos. Depois de comer o frito que estava escondido, muito zangado com a irmã, o rapaz saiu procurando, perguntando por ela nas casas dos moradores que encontrava. Encontrou-a numa grande fazenda. Deu-lhe uma surra de chicote e deixou-a lá.

Chegou a uma cidade grande que tinha um problema: um bicho comia gente na rua. Um homem rico da cidade propôs pagar-lhe uma grande quantia se ele, com ajuda de seus cachorros, matasse o bicho ruim. Ele aceitou a proposta. De noite o rapaz aguardou o bicho feio de boca grande. Quando ele apareceu, o rapaz mandou a cadela atacá-lo e ela brigou com ele até cansá-lo. Depois mandou o cachorro macho, que o agarrou pelo pescoço, brigando. Finalmente, o rapaz atirou com sua arma e matou o bicho. O povo saiu todo para a rua, para espiar o bicho feio e os cachorros. E o rapaz ganhou a quantia combinada, ficando muito rico.

Luís Roberto Cardoso de Oliveira repara que o conto pode ser dividido em duas partes. Na primeira, que vai até o episódio do abandono do rapaz no fundo do buraco, a ação se dá no âmbito da sociedade craô. Na segunda, o rapaz vai se integrando no mundo dos brancos. Nota também que os dois irmãos crescem ao longo da narrativa: chamados de menino e menina no início, passam a ser referidos como rapaz e moça depois da morte do velho. Mais ainda: é a partir desse momento que a irmã começa a afastar-se do irmão, pondo pregos nas orelhas dos cachorros, para que estes não o socorram e abandonando-o num buraco para acompanhar dois estranhos. Essa hostilidade da irmã pode ser interpretada, como faz muito bem o referido autor, como um modo de evitar o incesto a que estavam sendo conduzidos fatalmente o irmão e a irmã, sozinhos e tendo atingido a puberdade. Na vida normal da aldeia indígena, nessa idade, o rapaz deixa de passar a noite dentro da casa materna, indo dormir ao relento, no pátio central.

Cardoso de Oliveira compara corretamente a situação do velho cego como a de alguém em processo de tornar-se xamã, uma vez que é um indivíduo, não doente, mas com uma deficiência física e isolado dos demais moradores da aldeia. Apenas o velho não completou o processo, pois nem se tornou xamã e nem voltou ao convívio social. Uma outra interpretação, que não nega a primeira, mas a complementa, seria tomar o velho como um monstro, como mais um dos “bichos” que figuram no conto. É uma possibilidade endossada por outros mitos craôs cujos protagonistas são indivíduos que se afastaram da aldeia e se transformaram em perigosos seres antissociais (ver, como exemplo, o “Perna de Lança”, na 12ª aula).

Cardoso de Oliveira também poderia ter lembrado que esse xamã malgrado fez as crianças passarem pela caricatura pervertida de um rito de iniciação. Os timbiras, entre os quais se incluem os craôs, têm mais de um rito de iniciação. Num deles, que os craôs já não mais realizam, o jovem fica recluso num quartinho fechado dentro da casa materna.

Ali ele recebe muito alimento e é frequentemente banhado pelas parentas de idade para que cresça depressa e volte a integrar-se como adulto na vida da aldeia. O velho cego, porém, tranca o irmão com a irmã, quando só os indivíduos do sexo masculino passam pelo rito tradicional, e seu objetivo é fazer com que cresçam para poderem ser comidos e não para transformá-los em adultos. Se o velho é mal intencionado, o menino ingenuamente interpreta sua reclusão segundo a expectativa tradicional, pois mostra primeiro o rabo de lagartixa e depois o rabo de calango, que é maior (já no conto europeu, o menino mostra o rabo de um rato para enganar que continua magrinho). Apesar de perversa, a reclusão é ritualmente eficaz, pois as crianças dela saem como rapaz e moça, não para voltarem à vida na aldeia, mas para continuarem a caminho do mundo dos brancos.

O velho também se transforma. De suas cinzas saem os cachorros e a criação de galinhas. Aqui o conto lembra o mito de *Aukê* (ver 16ª aula), o menino que, queimado, transformou-se no primeiro homem branco. O velho, por sua vez, vira animais domésticos que fazem parte do mundo dos brancos.

É possível ainda achar a conexão deste conto com mais um mito timbira. O abandono do rapaz dentro de um buraco fundo lembra o menino abandonado junto a um ninho de araras no alto de um despenhadeiro no mito da origem do fogo (ver 9ª aula). Se no mito do fogo é o marido da irmã que derruba a escada, no conto, são os dois rapazes, possíveis parceiros sexuais da irmã, que cortam o cipó. No mito, o menino fica isolado no alto; no conto, bem no fundo do buraco. Naquele é o jaguar que salva o menino; neste, alguns homens, certamente brancos. Naquele, o menino retorna à aldeia indígena com o conhecimento do fogo; neste, o rapaz instala-se definitivamente na cidade com muito dinheiro.

Do percurso feito ao longo da narrativa — aldeia indígena, casa do velho cego, tapera do buraco fundo, casas isoladas de moradores, fazenda, cidade — a irmã termina na fazenda e o irmão na cidade. Certamente a irmã não é dona da fazenda, dada a maneira como o irmão a trata, com uma surra; talvez seja uma serviçal. O irmão, ao contrário, torna-se um homem rico da cidade. Enfim, o conto mostra um novo caminho que pode ser tomado por aqueles que abandonam sua aldeia indígena, o do mundo dos brancos. No passado, as únicas possibilidades abertas eram integrar-se ou morrer numa aldeia indígena estranha (como no caso de *Katamrik*, 16ª aula) ou virar ser antissocial (como no caso do “Perna de Lança”, 12ª aula).

A versão guajajara. Nas pp. 166-8 do livro *Os Índios Tenetehara* (MEC-Serviço de Documentação, 1961), Charles Wagley e Eduardo Galvão apresentam a versão guajajara do conto de João e Maria. Não vou resumi-la, mas apenas fazer um comentário, contrastando-a com a versão craô já discutida.

Na versão guajajara, não entram pais adotivos. É o próprio pai que, tendo muitos filhos e não tendo como alimentá-los, leva dois deles, João e Maria, para buscar mel. Maria vai debulhando milho para marcar o rumo, mas esse detalhe não tem nenhum prosseguimento na narrativa. Tal como na versão craô, há uma cabacinha, que o pai pendura, e ela assobia ao sopro do vento, dando a impressão às crianças de que ele está presente.

Abandonadas, a casa que as crianças encontram é de uma velha que estava fazendo beijos. O menino rouba um para a irmã e outro para si. Entretanto ela ri quando a velha, sem saber quem era o ladrão, grita : “Sai daí gato!” Descobertos, são trancados num quarto da casa, tendo de mostrar o dedo todos os dias. João arranhou um rabo de rato, mas a menina tinha de mostra o próprio dedo.

Ao invés de Deus, quem alerta as crianças para as intenções da velha é uma rolinha, que as aconselha a empurrar a velha nas chamas, quando dançasse em torno do fogo e, quando pedisse água, que trouxessem azeite. Deveriam ainda emborcar um cocho sobre as cinzas da velha, debaixo do qual encontrariam quatro cachorros no dia seguinte. Assim fizeram e assim aconteceu.

João e Maria então foram embora e chegaram a uma aldeia abandonada dos *zurupari*. Enquanto João ia buscar bacaba, Maria percorreu a aldeia e encontrou, em casas diferentes, duas bandas de gente. Uma delas pediu a Maria que a juntasse com a outra. Uma vez reunidas, formaram um rapaz, um *zurupari*, que cortejou-a e deitou-se com ela. Ele propôs que matassem João para poderem viver juntos. João porém apareceu com os cachorros, que se lançaram sobre o *zurupari* e o mataram. Maria, por ter traído o irmão, também foi morta. Provavelmente, se o *zurupari* fosse realmente gente, ao invés de um espírito, e, dada a sua proposta gratuita de assassinato, malévolo, a ação poderia ter um outro rumo, uma vez que João, como irmão, não poderia disputar com ele o papel de marido. Tal como na versão craô, os irmãos, ao deixarem a casa onde estavam presos, já não são mais crianças.

João, seguido pelos cachorros, viajou duas luas, e encontrou uma casa onde uma moça chorava porque deveria ser devorada por uma cobra. João aguardou a cobra e lançou sobre ela seus cachorros, que a mataram. Ele cortou a língua da cobra com uma faca, enrolou-a numa folha e jogou-a para um dos cachorros. Saiu, prometendo à moça retornar.

Um preto, que presenciara tudo, arrancou o restante da língua da cobra e apresentou-se ao pai da moça, declarando-se como seu salvador. O pai da moça era o “Governo” e morava numa casa grande. Certamente “Governo” aqui substitui a figura do rei dos contos de fada e a casa grande é o seu palácio; nesse caso, a cobra seria o dragão. A moça, entretanto, não queria casar com o preto, pois não dizia a verdade. João então apresentou-se ao “Governo” e, mostrando a língua da cobra, provou ter sido o verdadeiro salvador. O “Governo” mandou então que o preto fosse amarrado a dois cavalos e esquartejado. A escolha de um preto para vilão do conto denuncia que o preconceito racial dos civilizados também passou para os guajajaras.

João casou-se com a moça. Os cachorros ficaram muito tristes, a uivar. Disseram a João que iriam para sua casa no céu e anunciariam sua chegada com um trovão. Na mesma noite um longínquo trovão foi ouvido. João chorou de tristeza. Desde então tropeja sempre que os cachorros têm saudades de João.

A versão mundurucu. Robert Murphy também publicou uma versão deste conto nas pp. 130-2 de *Mundurucú Religion* (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1958).

A família é de aranhas, um detalhe não mais lembrado no restante do conto. Os filhos eram tantos e tal a dificuldade em alimentá-los que o pai resolve abandonar na

floresta dois deles, um menino e uma menina. Aqui também o pretexto é a busca de mel e o pai também usa o expediente da cabaça no alto de um árvore, que, soprada pelo vento e não pelo pai, atraiu as crianças na direção errada.

Encontram uma velha, como na versão guajajara, mas quase cega, o que lembra a versão craô. Sua casa tinha farinha e bananas e ela a guardava com uma vara que balançava para frente e para trás através da porta. Como nas outras versões, o menino apanha comida sem a velha perceber, mas a menina falha ao tentar. A velha era um *zurupari* e esconde as crianças de outros *zurupari* que chegaram de passagem. Quando eles vão embora, prende as crianças num quarto e as alimenta bem e todos os meses apalpava seus dedos e braços. Nesta versão, as crianças não usam de nenhum subterfúgio para escapar a esse exame.

É um papagaio que lhes revela as verdadeiras intenções da velha, quando elas colhiam uma grande quantidade de lenha. Recomenda-lhes que peçam à velha que as ensine a dançar quando fossem instadas a fazê-lo e a empurrassem no fogo. Previu que os olhos da velha explodiriam e deles sairiam dois cachorros.

Uma vez liquidada a velha, as crianças continuam a tirar alimento das casas que encontram, mas com o cuidado de averiguar se os moradores estão ausentes. Depois de muito tempo a irmã morreu e o irmão continuou a perambular sozinho com os cachorros. Diferentemente das outras versões, por conseguinte, nada muda para os irmãos e os próprios cachorros em nada os ajudam a não ser acompanhá-los. A narrativa mundurucu não conduz ao mundo dos brancos, com João transformado em homem rico da cidade, como na versão craô, ou genro do “Governo”, como na versão guajajara.

O êxito individual do irmão no mundo dos brancos e o fracasso individual da irmã são substituídos, na versão mundurucu, por uma conquista coletiva: numa casa abandonada os dois irmãos encontraram sementes de melancia, que eles espalharam por toda a região. Por isso os mundurucus hoje têm melancias. Vale reparar que esse detalhe talvez seja um modificação daquele recurso utilizado por Maria, no conto tal como narrado às crianças civilizadas, de ir deixando pedrinhas ou sementes pelo chão, para saber voltar à casa do pai. A versão craô ignora esse detalhe; a versão guajajara apenas alude a ele, sem dar-lhe o motivo; e a versão mundurucu o transfere do início para o final do conto e lhe dá um outro desenvolvimento.

Por que os craôs chamam Lua de Pedro?

Na 4ª aula já foi comentado que os craôs chamam o herói mítico *Pit*, o Sol, também de *Papam* (Nosso Pai) e Deus e, por sua vez chamam o herói mítico *Pidluré*, Lua, também de Pedro. Esses heróis, ambos do sexo masculino, são os transformadores de um mundo inciado. O Sol dispõe de certos conhecimentos que esconde de Lua: as ferramentas que abrem e cultivam a roça sozinhas, a palmeira que produzia buriti, o cocar vermelho e brilhante dado pelo pica-pau, a mulher... Lua tanto insistia em gozar também desses benefícios que o Sol os cedia de má vontade, quando o próprio companheiro não os descobria depois de muito procurar. Mas Lua lograva seus intentos de maneira tão desajeitada que daí redundavam sérias consequências para os seres humanos: a morte, os

animais venenosos ou de picada incômoda, a menstruação, o trabalho. Apesar da sovínice do Sol é o comportamento de Lua que os craôs criticam como canhestro e malévolos.

Quero aqui levantar as razões que levam os craôs a identificarem Lua com Pedro. Na verdade, quando os craôs falam em Pedro podem estar se referindo, além de Lua, a três figuras para nós distintas: Pedro II, São Pedro e Pedro Malasartes.

Pedro II. Uma vez o velho Marcão, chefe de uma pequena aldeia craô, menos sequioso por presentes que seus companheiros, fez-me um pedido singular: queria que eu, numa futura visita a sua aldeia, lhe levasse um retrato de Pedro II, para pendurá-lo num dos postes de sua casa de palha. Por mais fácil que fosse atender a sua solicitação (afinal de contas eu então residia na mesma cidade onde se ergue o Museu Imperial), fui adiando de tal maneira a obtenção do retrato, que Marcão morreu sem recebê-lo. Pior ainda: não me lembro de ter tido suficiente presença de espírito para imediatamente crivá-lo de perguntas sobre a importância que tinha para ele a figura de Pedro II, cerca de oitenta anos depois da queda do Império.

Mais de uma vez ouvi dos craôs referências ao último imperador e também a sua esposa. Curiosamente nunca me fizeram alusão a qualquer presidente da Primeira República. Desse período apenas se lembram dos "Revoltosos", ou seja, a Coluna Prestes, que passou pela região. Não sei se é desta data que alguns deles viram também Rondon. Talvez o longo reinado de Pedro II em contraste com os curtos mandatos dos primeiros presidentes tenha contribuído para essa seleção. De qualquer modo, Pedro II era muito mais do que um mero ser humano, como demonstram as indagações de um outro craô, o velho Gabriel, nascido certamente no começo do século. Numa conversa em 1963, ele me perguntou por São Pedro, de quem Getúlio Vargas tomara o palácio. Comentou que no tempo de São Pedro não havia prefeitos, só diretores, e tudo era barato. E ainda pediu-me notícias de Cristina, mãe dos índios, que morava no Rio de Janeiro, declarando não saber se ela e São Pedro já tinham morrido. Com essas observações Gabriel não somente suprimia a Primeira República, como também dotava Pedro II de extrema longevidade, quicá imortalidade, e ainda o confundia com um santo.

Mas o que teria de comum Dom Pedro II com Lua? Talvez a chave esteja na versão do mito de *Aukê* (16ª aula) contada pelos Canelas, que são timbiras como os craôs. Esse menino que se transformava em diversos animais e em pessoas de idades diferentes acabou sendo queimado pelos índios e de suas cinzas surgiu o primeiro homem civilizado. Ora, a versão canela, que ganhou ainda mais divulgação por ter sido republicada no início do livro *As Barbas do Imperador*, de Lília Schwarcz (São Paulo: Companhia das Letras, 1998), termina afirmando que *Aukê* era o imperador Pedro II. As constantes mutações por que passava o menino *Aukê*, por sua vez, lembram as fases do satélite terrestre que é identificado com o herói Lua. Além disso, como chefe supremo dos civilizados, Pedro II, deveria partilhar com eles o caráter importuno de seu comportamento nas relações interétnicas, o que lembra a malevolência e inabilidade de Lua.

São Pedro. O nome do último imperador era tomado de um santo, São Pedro de Alcântara. Mas quando os craôs o confundiam com São Pedro, estavam na verdade pensando em outro, no apóstolo.

A ambiguidade de São Pedro está presente no próprio texto bíblico. Chamado de Satanás por Jesus (Mateus 16: 21-32, Marcos 8: 31-33) e tendo-o negado por três vezes numa mesma noite antes do galo cantar (Mateus 26: 33-35 e 69-75), foi entretanto o primeiro dos discípulos a reconhecer Jesus como o Filho de Deus Vivo, e distinguido pelo mesmo como o sustentáculo de sua Igreja (Mateus 16: 13-20). Primeiro pontífice dos católicos e porteiro do céu na tradição popular, São Pedro é um personagem espertalhão, tanto nos contos pios sertanejos como nas anedotas ímpias urbanas, sem dizer das cantigas das festas juninas.

Pedro Malasartes. Na única vez que tomei um mito na própria língua craô, o narrador, além das conhecidas aventuras de Sol e Lua na tradição indígena, continuou a narrativa atribuindo ao segundo as peripécias de Pedro Malasartes. Nunca ouvi nenhum sertanejo da região contar sobre o desonesto e astuto Malasartes, mas entre os craôs anotei os seguintes episódios: a venda de uma raposa como se fosse cão de caça, a venda de uma panela que cozinhava sem fogo, a venda de um pé de dinheiro.

Adão e Eva

O texto bíblico relativo à criação do homem também se transforma quando apropriado pelos narradores indígenas, como podemos averiguar pelos dois exemplos que apresento a seguir.

Versão timbira. Em 1963, Luís Baú, que vivia entre os craôs, sobrevivente da aldeia quencatejê aniquilada por um fazendeiro em 1913, contou-me uma versão do mito de Adão e Eva, que publiquei no Apêndice do livro *O Messianismo Kraho* (São Paulo: Herder e EDUSP, 1972).

Havia apenas *Papam* e *Pidri* (isto é, *Pit*, Sol, e *Pidri*, Lua). Os dois fizeram este Brasil todo. Aqui, não havia nem *kupê* (civilizado), nem *mehim* (índio). Então, *Pit* pensou: "Eu vou fazer outras coisas, pois viverem só dois assim é ruim". Não se sabe como foi que ele fez Adão, que andava nuzinho. Então pensou: "Eu vou fazer mulher para Adão, porque ele anda sozinho e não fala com os outros". Ao meio-dia, Adão chegou e *Papam* lhe disse: "Adão, vem comer!". Adão comeu e depois foi cochilar. Queria dormir e dormiu logo. Então *Pit* puxou uma costela de Adão, limpou-a e colocou no quarto onde Adão dormia. Adão acordou. *Pit* lhe disse: "Vá espiar o quarto onde você dorme". A mulher já estava lá, inteirinha e bonitinha. *Pit* disse: "Adão, você já tem mulher, agora você não copule com Bruta (Bruta é o nome de uma fruta que os craôs chamam de *Waka'íteti*; Bruta era o nome de Eva). Ela já é sua e eu direi quando você pode copular. Pode ir com ela". E eles foram para o mato. Eva estava nuazinha; só pôs umas folhas sobre o sexo. Dormiram até de manhã.

De manhãzinha, *Papam* os chamou: "Adão, chegue aqui para tomar café". E ele se aproximou com sua mulher. Tomaram café e voltaram para o mato. E *Papam* estava imaginando: "Como é que vou fazer com Adão e Eva? Vou mandá-los para o Brasil". De tarde, chegaram Adão e Eva. De manhãzinha, tornou *Papam* a convidá-lo: "Adão, vem tomar café!". Apanhou machado, facão e deu a Adão, ordenando-lhe: "Agora você desce, faça uma grande roça,

enquanto sua mulher fica aqui". E lhe deu farinha e carne, ordenando: "Dentro de duas semanas você vem". Adão disse: "Adeus mulher, pode esperar duas semanas aqui". Aí, ele desceu do céu, indo lá para onde os estrangeiros moram. Naquele lugar, fez roça, derrubando tudo. Fez casa grande, toda fechada, colocou porta, fazendo muitos quartos. E *Papam* o estava olhando: "Ah, Adão é bom mesmo, não tem descanso; eu gosto de ver homem assim". Passaram-se duas semanas e Adão subiu ao céu outra vez. E teve um diálogo com *Papam*: "Fez roça?". "Fiz". "Fez casa?" "Fiz". "Está bom. No mês de agosto, você vai queimar". Chegou o tempo de queimar a roça. "Agora é tempo de roça; aqui está caroco de algodão, mamona, arroz, fava, feijão, pimenta do reino, alho, maniva, milho". E, de cada um, dava um carocinho. E disse: "Pois aí está, Adão, este é seu serviço e este é o de Eva. Vocês têm de dar comida a seus meninos". "Adeus, meu pai!". "Adeus", disse *Papam*. E Adão desceu lá do estrangeiro. Plantou toda a roça. Era muita fartura.

Papam pensou: "Eu vou dar muitos filhos para ele". E Adão já estava copulando com a mulher. Com apenas dois coitos, ela já ficava grávida e de madrugada dava à luz. *Papam* pensou: "Agora, vou dar-lhes filhos a todo momento, para aumentarem depressa". Eva dava à luz de manhã, de tarde e de noite. Até que encheu quatro quartos de filhos. *Papam* estava olhando para eles: "São poucos ainda, pois estão faltando os *mehim* (índios). E tornou a lhes dar mais filhos. Até que se encheram dez quartos. E disse *Papam*: "Agora vou fazer parar os filhos de Adão". E Eva não deu mais à luz. A casa estava cheia.

Então *Papam* pensou: "Agora vou fazer um padre para batizá-los". Esse padre era o Papa. Arranjou, para o padre, um burro com sela e tudo, arranjou comida e tudo. Esse padre, esse Papa, não morre nunca, pois foi *Papam* mesmo quem o fez. O padre montou no burro e *Papam* lhe falou: "Espero você dentro de dois dias". E o padre desceu do céu para o estrangeiro. Estava montado e já de manhã chegou à casa de Adão, gritando: "Oh de casa!". "Oh de fora! Apeie, cidadão!" O padre apeou. Adão pegou o burro, tirou a sela e levou-a para dentro de casa. Apanhou uma cadeira para o padre sentar. Perguntou ao padre: "Para onde vai, cidadão?" O padre respondeu: "Eu venho batizando meninos, alcancei você e pergunto se tem menino para batizar". O padre o estava enganando, pois, nesse mundo, não havia outros senão os meninos de Adão. "Eu venho batizar seus meninos", continuou o padre. "Eu tenho só quatro", disse Adão, enganando o padre. E o padre estava olhando, porque todos os quartos estavam cheios. E Adão disse: "Eu só tenho quatro". O padre respondeu: "Não tem importância, pois eu já estou batizando neste mundo. Eu vou passar dois dias com você e vou-me embora". Adão fez comida para o padre, pois já tinha muita criação: porco, galinha, pato, galinha-d'angola. De manhãzinha, o padre falou: "Está na hora, seu Adão, vamos batizar os meninos". Foram conversando, conversando, até que o sol saiu. À sombra de uma árvore, o padre pôs água numa bacia e pôs remédio e disse: "Vamos ver, chame os meninos". E saíram dois meninos, depois quatro, depois cinco, depois dez, depois vinte, depois quarenta, e o padre foi batizando todos. E perguntou: "Acabaram?", "Acabaram", respondeu Adão. Abriu-se outra porta e saíram dez. "Só? Não há mais?". E o padre batizou todos. "Ainda há?"

"Há". E batizou mais vinte; e vieram mais dez. O padre batizou todos. E vieram mais vinte e mais. "Acabaram?" "Acabaram". E a mulher de Adão lhe disse: "Adão, eu já estou com vergonha!" Adão respondeu: "Não, não tenha vergonha não, deixe-o batizar todos". A mulher respondeu: "Os dois últimos quartos ele não batiza não". Eva já estava pensando: "Agora esses dois quartos estão reservados para serem *mehim* (índios) e *kupētugré* (negros)". O padre só batizou ingleses, americanos, estrangeiros, alemães, russos. O padre disse: "Adão, não tenha vergonha não, eu vou batizar todo o mundo!". Adão respondeu: "Não, não há mais meninos não!". O padre já estava dizendo: "Não, deixe ficar, esses aí são *mehim* (índios)".

Já era meio-dia. O calor era grande. Os que estavam ainda nos quartos abriram as portas para se olharem na água da bacia. Os índios é que se fizeram índios, pois passaram água com terra no corpo. Os *kupētugré* (negros) saíram e passaram terra molhada só nas mãos; por isso é que somente suas mãos são brancas. E passaram carvão no corpo inteiro e só ficou a mão alvinha.

E o padre pensou: "Como é que vou fazer? Eu vou pôr nome neles". Chamou primeiro o estrangeiro: "Que fala você quer?" "Você é que sabe". Então o padre falou para eles, eles aprenderam e indicou-lhes o lugar de morada. Depois fez o mesmo com o americano, recomendando: "Não vá embora já não. Quando eu acabar a distribuição você vai". E depois deu fala para o russo, o inglês, o alemão. Então chamou o português (*kupê*). E chamou o índio, e fez a mesma coisa, dizendo-lhe: "Agora você é *mehim* (índio); seu nome para os *kupê* (civilizados) é patrício e índio. Para os *mehim* é craô. E esse negro é negro no português e *kupētugré* na língua do *mehim*".

Então, o padre entrou no quarto, pegou a espingarda, chamou o craô, e mandou que atirasse na mãe dele. Mas o craô não sabia atirar. Chamou o inglês e ordenou que matasse a mãe. E ele matou. Então, o padre rezou e a mãe se levantou. O padre então disse ao inglês: "Tome a espingarda que já é sua e desses seus companheiros. Não vá brigar com seus irmãos". Aí, o padre pegou o arco, bonito, bem feito, e chamou o estrangeiro, ordenando-lhe: "Mate sua mãe". Mas ele não sabia. Chamou então o craô e este matou a mãe. O padre rezou e Eva se levantou. O padre disse ao craô: "Pois o arco já é seu, não o deixe". E apanhou um arco e deu para o negro e este flechou Eva. O padre tirou a flecha, rezou e Eva se levantou. Então, o padre disse ao estrangeiro, ao americano, ao russo, ao inglês, ao alemão, bem com ao craô e ao negro qual era o lugar que habitaria cada um. E aí terminou.

O padre então falou com Adão e Eva: "Vocês podem ficar aqui toda a vida. Vocês não morrerão nunca. Eu vou para o céu e depois volto para ficar aqui e não morrer nunca". E montou no burro, andou uma certa distância e subiu. O padre ficou sendo o Papa. Foi Deus mesmo que lhe pôs esse nome. Disse-lhe: "Se eu fizer alguma coisa, você fica sabendo. Escreva aqui para eu ver!". O padre escreveu. "Ah, agora você pode ir para a terra, não morrerá nunca". Só os filhos é que morrem, mas o Papa, Adão e Eva não morrerão nunca.

Versão mundurucu. Nas pp. 80-1 do já referido livro *Mundurucú Religion*, Robert Murphy também inclui a narrativa referente a Adão e Eva, da qual farei aqui um resumo, juntando as três seções em que ele a dividiu.

Karusakaibö, ou *Tupã*, como dizem os padres, fez bonecas de barro e guardou-as numa casinha. Quando a abriu, elas tinham virado moças. Um dos homens, que já existiam, descobriu as moças e seduziu uma delas. *Karusakaibö* obrigou-o a se casar com ela. Ele deu uma moça para cada homem. Mas não sobrou parceiro para uma delas, Eva. Enquanto ela dormia, *Karusakaibö* tirou-lhe uma costela e transformou-a num homem. De manhã ela acordou com Adão a seu lado. *Karusakaibö* disse a Adão que Eva era dada a ele para ajudá-lo. Entregou-lhes uma certa quantidade de frutos, mas proibiu-os de comê-los.

Karusakaibö mandou Adão abrir uma roça na floresta. E deu-lhe facões que trabalhariam por si mesmos, contanto que Adão não os espiasse. Mas Adão foi olhá-los e eles se quebraram. Por isso ele e seus filhos tiveram de trabalhar. *Karusakaibö* deu-lhe machados com a mesma instrução, mas Adão espiou-os e eles se quebraram. Então mandou que Adão ele próprio cortasse as árvores. O machado de Adão cortava os troncos, que se abriam com facilidade como se fossem melões. Mas as árvores gritavam e Adão não quis continuar. *Karusakaibö* mandou então que ele cuspiasse no machado. Ele o fez e os troncos se tornaram duros e nodosos. Também as enxadas que deu *Karusakaibö* faziam o trabalho sozinhas. Mas Adão as espiou e por isso teve de fazer ele próprio o trabalho.

Quando a mandioca amadureceu, *Karusakaibö* mandou Adão colhê-la e fazer farinha. Como Adão insistisse que os pés estavam muito baixos e a mandioca ainda não estava madura, *Karusakaibö* mandou que ele batesse com o pé duas vezes no chão e tocasse o tubérculo com o dedo do pé. Ele assim fez e os pés cresceram e a roça se tornou copada e confusa como é hoje em dia.

Karusakaibö, muito zangado com a desobediência de Adão, queimou-o para purificá-lo.

Adão não sabia o que fazer com uma mulher e como procriar. Ele pensava que a vagina de Eva fosse uma ferida e tentava curá-la com tratamento medicinal. A serpente disfarçada em forma humana ensinou a Adão o que fazer e estimulou-o a experimentar. Ele e Eva gostaram tanto da experiência que eles e a humanidade a seguiram praticando até hoje.

Depois a serpente incentivou Eva a comer o fruto. *Karusakaibö* soube disso e mandou embora ela e Adão.

Decepcionado com Adão e Eva, *Karusakaibö* resolveu subir ao céu. No caminho passou pelas terras abaixo do rio Tapajós. Achou gente mais receptiva que os mundurucus, que o ouviu e seguiu. Ensinou a essa gente muitas coisas maravilhosas. Por isso, os mundurucus têm pouco conhecimento e são pobres em coisas materiais, e o povo que vive abaixo tem tanto e tão maravilhoso.

Uma outra versão desse final diz que, depois de ter transformado o tatu *Daiürú* na árvore *apoi*, que sustenta do céu, *Karusakaibö* voltou a sua morada em Uacupari. As pessoas estavam com muito medo de seu poder e decidiram matá-lo como feiticeiro. Porém *Karusakaibö* despertava a compaixão deles transformando-se uma vez num velho que não podia andar, outra vez numa velha. Mas na terceira vez que ele quis se passar por velho, os homens o mataram com flechas. Alguns dias depois os homens visitaram a sepultura de *Karusakaibö* e o encontraram sentado no chão, vivo e jovem. Ele então os deixou e subiu ao céu. Desde então é perigoso viver na antiga aldeia de *Karusakaibö*, Uacupari, porque abaixo dela está o mundo subterrâneo de onde as pessoas foram tiradas, e o chão pode ceder fazendo brotar um rio. Neste subterrâneo há cidades, embarcações a vapor e outras coisas maravilhosas.

Há ainda uma terceira versão desse final. Morto a flechadas por aqueles que temiam seu grande poder e sepultado sob espinhos e grandes pedras, *Karusakaibö* ressuscitou e saiu da tumba com tal força que formou as colinas da região dos mundurucus. Está agora no céu. No caminho visitou os Estados Unidos e a Alemanha. Para cruzar a água tornou-a salgada ou em gelo. Criou muitas espécies de animais. Uma vez matou uma galinha, dividiu e pôs no fogo. Cortou uma das metades em muitos pedaços e soprou sobre eles. Cada um virou uma galinha ou galo e voou. Quando voava embora, um dos galos viu *Karusakaibö* e gritou: “Lá vai Santo Antônio subindo!”

Conta ainda a mesma versão que *Karusakaibö* chegou a uma casa e pediu por água e farinha de mandioca. Os moradores não sabiam quem era e só lhe deram água. Ele disse: “A roça deles vai crescer.” Foi embora e a roça virou pedra. Chegou a uma outra casa, onde lhe deram farinha de mandioca e água. Ele disse: “Esta roça ficará toda coberta de mato”. Mas o contrário aconteceu e ela produziu abundantemente. Os primeiros o tomaram como um feiticeiro, mas os últimos o chamaram de seu avô e acharam que era muito bom.

Comparação. A versão timbira (quencatejê/craô) não diz que de que maneira Deus fez Adão e Eva. A versão mundurucu inverte a narrativa bíblica: *Karusakaibö* faz mulheres de barro, que dá a homens já existentes; como falta homem para uma delas, Eva, tira-lhe uma costela para fazer Adão.

A versão mundurucu atribui a origem do trabalho ao fato de Adão desobedecer a ordem de não olhar as ferramentas trabalharem sozinhas. Pelo mesmo motivo Lua dá origem ao trabalho na mitologia timbira (ver 4ª aula). Mas curiosamente a versão timbira do mito de Adão e Eva não considera o trabalho um castigo. Adão simplesmente obedece a ordem de fazer uma roça e ainda é elogiado por ser bom trabalhador.

Segundo a versão mundurucu, por ter Eva comido o fruto proibido, o casal é mandado embora. Na versão timbira, não existe o fruto proibido. Se há uma expulsão do paraíso, é a dos filhos negros e índios do casal, que não foram batizados. Quanto a este detalhe, a versão timbira retoma ainda a escolha entre a espingarda e o arco, do mito de *Aukê* (ver 16ª aula).

A recusa de Adão em reconhecer que a mandioca estava madura lembra a mesma atitude da mãe dos gêmeos nos mitos guarani e guajajara (ver 13ª aula).

O final da versão mundurucu e suas duas alternativas já não identificam *Karusakaibö* com Deus Pai, mas com Jesus Cristo, e se inspiram no tema evangélico da sua morte, ressurreição e ascensão. A multiplicação das galinhas lembra a multiplicação dos pães e peixes. E o final da última alternativa lembra aqueles contos sertanejos relativos à visita de Jesus aos moradores, disfarçado de pobre, castigando os que o maltratavam e abençoando aqueles que o ajudavam.

Página inicial	Sumário dos mitos
--------------------------------	-----------------------------------